



CAVATINAS

## DO MESMO AUTOR

### LIVROS PUBLICADOS

**Preludios**, poesias de 1894-1897, editores Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1903.

**Senhora**, peça em cinco actos, extrahida, de collaboração com E. Marinho Aranha, do romance homonymo de José de Alencar; representada pela primeira vez no theatro S. Luiz do Maranhão, a 26 de Março de 1896; edição d' *A Estação*, Rio de Janeiro, 1904.

**Cavalheirismo rustico**, libreto da opera homonyma de Pietro Mascagni, traduzido em verso de collaboração com Montrose Miranda (1892); editores Vianna & C., Rio de Janeiro, 1904.

### NO PRÉLO

**Atravez da sciencia**, collectanea de varios artigos scientificos (1898-1899).

### A PUBLICAR

**Ensaio scientificos**, dissertações sobre elementos de Mathematica, Physica e Chimica (1892-1899).

**Polygraphias**, artigos de philosophia e critica (1896-1904).

**Iris**, contos e fantasias (1894-1900).

**Sonatas**, poesias (1898-1904).

**Poemas sociolaticos**, ensaios de poesia positivista (1901-1902).

**O calculo arithmetico**, por Pierre Laffitte; tradução autorizada pelo auctor (1893-1895).

**Mecanica geral**, por Lonchamp; versão annotada (1898-1901).

### EM PREPARAÇÃO

**Mater**, poesias.

**Poemas do coração**, poesias.

REIS CARVALHO  
(OSCAR D'ALVA)

# CAVATINAS

POESIAS

(1899-1902)



Laemmert & C.—Editores  
Rio de Janeiro e S. Paulo  
1904

10.150

469.915

6329 C

---

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RUA DOS INVALIDOS 93

---

# Offerenda

À L. C.

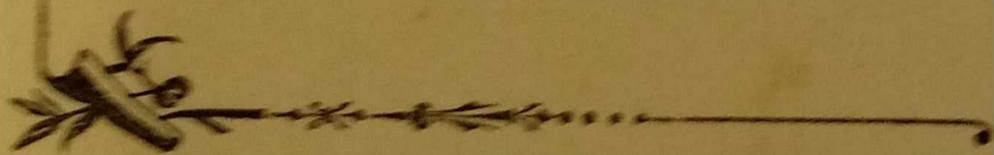
*Destas poesias que eu compuz outr'ora,  
Quando inda não te amava e conhecia,  
As estrophes de amor te offerto agora  
A ti, sonhado ideal que achei um dia.*

*A paixão da minh'alma sonhadora  
Que nestes versos brilha e se irradia,  
E' por ti, ó divina inspiradora,  
Que ha muito tempo nos meus sonhos via.*

*Tudo o que é bom e puro e terno e santo  
Que neste livro apaixonado canto,  
A ti pertence, a ti que és o meu Deus.*

*Tu realisas o ideal da virgem rara  
Que em meus versos de amor eu celebrára,  
Versos, querida, que são todos teus.*

*Rio, 1º de Dezembro de 1903.*



Entendei que segundo o amor tiverdes  
Tereis o entendimento dos meus versos.

CAMÕES. — *Sonetos.*



## Portico

Trata de Amor este meu livro inteiro.  
E' o livro da paixão que eu solemnisó,  
Cantando as phases de um amor primeiro,  
Finado em dôres e nascido em riso.

A historia toda da affeição de outr'ora  
Nas linhas deste livro se contem ;  
Nelle se vê a pagina que chora  
E a pagina que ri se vê tambem.

O goso e a magua, a crença e o desengano,  
As illusões, torturas e confortos,  
Que infunde Amor no coração humano,  
Jazem sepultos nestes versos mortos.

Rio, 1902.





## CONTRASTES

Oh ! quanto é triste a minha sorte, oh ! quanto !  
Amas-me, dizem, mas não posso amar-te ;  
Meu coração endureceu-se tanto  
Como as pedras de um velho baluarte .

Para elle não ha mais um doce encanto .  
Indifferente ao goso, em toda a parte  
Amargurado, só conhece o pranto,  
E entre multiplas dôres se reparte .

Guarda o teu coração — joia de preço  
Com que a outro brindarás. Essa ventura  
De amar e ser amado eu não mereço.

Não queiras meu amor, não dá conforto :  
E' frio como a fria sepultura,  
Pois é o amor de um coração já morto.

Rio, 16 de Abril de 1899.





## BEMDITA AUSENCIA

Só pude imaginar, em te não vendo,  
Quanto a vêr-te minh'alma sempre aspira.  
O mal de te não vêr foi tão horrendo  
Qual fôra doce o bem quando eu te vira.

Por te não vêr então fiquei sabendo  
Do amor que em mim nascera e que eu sentira,  
Mas que julgára aos poucos ir morrendo,  
Como accordes perdidos de uma lyra.

A dôr de te não vêr, em te esperando,  
Meu coração mostrou quanto elle sente  
Mais que o prazer da vista em te encontrando.

Satisfeito por vêr-te a mim presente,  
Senti Amor minh'alma conquistando  
No desejo de vêr-te quando ausente.

Rio, 24 de Abril de 1899.





## OLHOS CELESTES

Gentil mia donna f' veggio  
Nel mover di' vostr'occhi un dolce lume,  
Che mi mostra la via ch'al ciel conduce.

PETRARCA — *Canzone IX.*

Já tenho visto muitos olhos bellos,  
Brilhando em faces de alabastro e rosas,  
Provocarem freneticos anhelos  
De purissimas almas virtuosas.

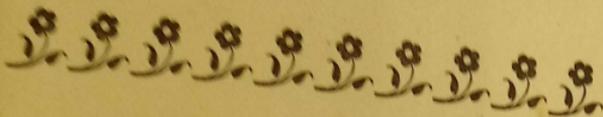
Tenho-os visto que são como desvelos,  
Como carinho ás vidas dolorosas;  
E outros que prendem, como doces élos,  
Os corações das gentes piedosas.

Tenho-os visto de todo o colorido:  
Castanhos, negros, verdes ou azues...  
Entretanto nenhum me ha seduzido.

Mas hoje cedo ao pomo tentador,  
Que a luz dos olhos teus ao céo conduz,  
Ao sempiterno céo do nosso amor.

Rio, 3 de Maio de 1899.





## DUVIDA

Sei que és formosa, inteligente e pura,  
Que tens um coração onde a bondade  
Torna mais bella a tua formosura,  
E a formosura existe sem vaidade.

Sei que em tua risonha mocidade  
Ha sonhos não sonhados de ventura,  
E que terá prazer, felicidade,  
Quem tiver teu amor, tua ternura.

Sei que tua alma é escrinio de virtude,  
Que és uma santa em toda a plenitude,  
Anjo do céo que foi ao céo roubado.

Mas duvida terrivel me tortura:  
E' que não sei, ditosa formosura,  
Si, como te amo, sou tambem amado.

Rio, 14 de Maio de 1899.





## A PRINCEZA

Omnia vincit Amor .

VIRGILIUS — *Ecloga X.*

Nobre na estirpe e nobre na belleza,

Era Altaïr uma ideal princeza

Tão pura como linda.

E as luzes de um espirito brilhante

Davam-lhe á formosura radiante

Maior encanto ainda.

Quando, na côrte, a flor da fidalguia

Nos gothicos salões resplandecia

Em grandes festivaes,

Mais que a sua nobreza, deslumbrava

A sua formosura, que excitava

A inveja das rivaes.

Os nobres das mais celebres nações  
Atiravam-lhe aos pés os corações,  
Um seu olhar pedindo ;  
Emquanto em sua bocca radiosa  
O riso desbrochava, como a rosa  
As petalas abrindo .

Os poetas do palacio de seus paes  
Dedicavam-lhe bellos madrigaes  
Em versos respeitosos,  
Mas, ás vezes, rompendo o preconceito,  
A lyra modulava sem respeito  
Sonetos amorosos.

Condes, marqueses, principes e reis,  
Nobres de raça e alguns villões talvez,  
Rojavam-se mendigos,  
Diante do esplendor d'aquellas galas  
Dessa belleza, que lembrava a Pallas  
Dos canticos antigos.

Agradecendo a todos, a princeza  
Esboçava o sorriso da belleza  
    Nos labios tentadores.  
E alegre e satisfeita discutia,  
Como se fosse a celebre Hypatia  
    Falando entre doutores.

Dessa princeza de que trata a Lenda,  
Ha tambem extranhissima legenda,  
    Historia singular,  
Que, antigos manuscriptos revolvendo,  
Encontrei, uma pagina relendo,  
    E agora vou contar.

No meio da existencia encantadora  
Em que vivia a imperial senhora,  
    Jamais, jamais pensava  
Nas doçuras do amor ; de balde tantos  
Corações supplicavam-lhe os encantos,  
    De balde, não amava !

Ella, a mais joven das princezas, ella  
De todas as fidalgas a mais bella,  
De todas a mais pura,  
Jamais, no olhar ao menos, demonstrava  
Que o amor, o amor mais rara inda tornava  
A sua formosura.

Altair para a côrte parecia  
Uma mulher perennemente fria,  
Um marmore sem côr,  
Que uma alma genial de artista, em vão  
Tenta animar com a luz de um coração,  
Onde palpita amor.

No emtanto essa mulher, que não amava,  
Quantas vezes de lagrimas banhava  
A sua solidão !  
Oh ! quantas vezes nos saráus do paço,  
Rindo a um fidalgo que lhe dava o braço,  
Chorava o coração !

Pensava então : — « A pompa em que fulgura  
« O meu talento, a minha formosura,  
« Causa-me enorme dor,  
« Quando me vejo só, sem afeição,  
« Buscando embalde a estrella da paixão,  
« O grande sol do amor. »

E' certo que nas turbas cortezãs  
Adorações achava, mas tão vãs  
E tão funambulescas,  
Que dizia da gente dessa raça :  
*« Non ragioniam di lor ma guarda e passa, »*  
Em expressões dantescas.

Jamais um coração ella encontrara  
Que comprehendesse o amor como o sonhara,  
Em noites de langor ;  
Jamais uma alma achou sincera e pura,  
Tendo menos desejo e mais ternura,  
Que a amasse com fervor.

Amendo o amor sómente, assim passava  
Uma existencia atroz, que definhava  
    Nos festins palacianos.  
Quem a visse, talvez jamais pensasse  
Que dôr guardava um rosto tão vivace  
    Aos olhos dos profanos.

Mas, uma vez, seu genio caprichoso  
Lembrou-se de um ardil muito engenhoso,  
    De um capricho faceiro.  
Por elle certo saberia qual  
Entre os seus cortezãos era leal,  
    Sincero e verdadeiro.

Num dia em que o palacio estava em festa  
E toda a côrte esplendida a requesta,  
    Com vivos galanteios,  
Altaír, num salão, em plena luz,  
Este discurso singular produz,  
    Sem pejo nem receios :

— « Quem, dentre vós, quizer a seductora  
« Posse do meu affecto, deve agora  
    « Lançar no meu leilão ;  
« Vou pôr em almoeda o amor primeiro !  
« Qual será, pois, o nobre cavalheiro  
    « Que quer meu coração ? »

Um dos fidalgos, celebre guerreiro,  
Então lhe diz, com modo sobranceiro :  
    — « Dar-vos-ei minha lança .  
« E' de todas as lanças a mais forte,  
« Não ha quem na resista. Nem a morte !  
    « Será nossa alliança . »

— « Tereis um nome mais augusto e nobre  
« Si a esse brazão que o vosso escudo encobre  
    « Juntardes meu brazão . »  
Assim falou um rei, altivamente,  
Com um gesto fidalgo de quem sente  
    Ser mais do que um villão .

Depois um duque, um príncipe, outro rei ;  
Da aristocrata gente toda a grei  
Arrematar queria,  
Na exquisita kermesse da princeza,  
Aquelle coração, em que era presa  
A joven fidalguia.

Mas a formosa dama rejeitava  
Tudo que a raça nobre lhe offertava,  
Dizendo com ironia :  
— « Não vale tanto o coração ; comtudo  
« Sente-se frio, indifferente e mudo  
« A' vossa cortezia. »

Então altivo poeta festejado,  
Que na gentil princeza tinha achado  
O ideal que procurava,  
Pallido, tremulo, nervoso, a medo,  
Balbuciou o magico segredo  
Que n'alma lhe morava.

— « Alteza, diz o poeta apaixonado,  
« Si eu pudesse falar neste mercado  
    « De rara seducção,  
« Diria que a nobreza, a valentia,  
« O fausto, nada disso valeria  
    « O vosso coração.

« Quem ama, mas quem ama com ternura,  
« Quem pelo amor prefere a desventura  
    « Ao goso mais risonho ;  
« Uma alma ardente onde a paixão crepita,  
« Como a estrella na abobada infinita,  
    « Quem ama como eu sonho ;

« Seja plebeu, fidalgo, rico ou pobre,  
« Não offerece num leilão tão nobre  
    « Offertas desse preço.  
« Si eu vos pudesse amar, oh! si eu pudesse,  
« Teria obtido numa tal kermesse  
    « Joia que não mereço.

« Alteza, o fausto, a gloria, a magestade  
 « Não tiram d'alma a dôr da soledade  
     « Que a vive espesinhando.  
 « O vosso coração tem mais valia,  
 « Por uma só moeda o compraria,  
     « Amor vos offertando ! »

Então, do solio augusto onde imperava  
 A magestosa dama, vendo escrava  
     E pasma a multidão,  
 Desceu fremente, e a mão nervosa dando  
 Ao poeta do amor, disse corando :  
     — « E' vosso o coração ! ... »

.....

Inda uma vez o Amor venceu, Senhora !  
 A frivola affeição enganadora  
     Das almas sem valor,  
 Cahio perante a augusta magestade  
 Do verdadeiro deus da Humanidade,  
     Do grande e eterno Amor !

Rio, Junho de 1899.





## A CONCHA

Nesta fragil e alvissima conchinha,  
Que algum mergulhador talvez achara  
E que a gemma preciosa, a gemma rara  
De uma brilhante perola continha ;

Nesta fragil e alvissima conchinha,  
Que mão cruel a sós abandonara,  
Sem o valor que outr'ora conservara,  
Sem a joia bellissima que tinha ;

Tu, formosa pintora, desenhaste  
— Um pedaço do céo, em pleno dia —  
O Azul e a Luz em nitido contraste.

E a concha, por teu genio transformada,  
Agora vale mais do que valia  
Como escriptorio da perola roubada.

Rio, 18 de Junho de 1899.





## SONHOS

A's vezes sonho que estou só contigo,  
Pelas tuas caricias enlevado,  
Na santa communhão de um casto abrigo,  
Onde vivo de amar e ser amado.

Mas outras vezes, para meu castigo  
E minha dôr, eu sonho angustiado  
Que me abandonas, que não és commigo,  
Que te amo muito, mas não sou amado.

Sonho ás vezes com Amor : no pensamento  
Voam das illusões as pombas mansas ;  
Outras vezes meu sonho é meu tormento .

E nesta alternativa passo os dias :  
Ora alegre — vivendo de esperanças,  
Ora triste — morrendo de agonias .

Rio, 6 de Julho de 1899.





## AMOR AUSENTE

Quien te dice que ausencia causa olvido  
Mal supo amar...

F. MEDRANO — *Soneto.*

Só de tempos a tempos eu te vejo,  
Só de tempos a tempos me appareces ;  
E quanto mais ausente tu pareces,  
Mais avulta, mais cresce o meu desejo.

Procuo quasi sempre um doce ensejo  
Para de amor dizer-te novas preces ;  
Mas em vão ! Quanto mais te vêr desejo  
E mais o quero, menos me appareces.

Nesta ancia de te vêr a cada instante  
E não te vêr sinão de quando em quando,  
Passo de maguas vida torturante.

No emtanto não maldigo o meu tormento  
Porque elle vai aos poucos me mostrando  
Que ausente amor não causa esquecimento.

Rio, 15 de Julho de 1899.





## ROSAS

A minha doce amada lindas rosas  
Ao baile conduzio. Presas ao seio  
E presas á cabeça, as flores, creio,  
Eram assim mais lindas, mais cheirosas.

Mas ao calor das salas luminosas,  
Ao ruído das dansas, de permeio  
Com as syllabas gentis do galanteio,  
Desfolharam-se as flores olorosas.

A' casa volta languida e molesta.  
Não traz as flores que a enfeitaram tanto ;  
Todas fanaram no esplendor da festa.

Mas, si não trouxe as rosas do toucado,  
Pura conserva, para meu encanto,  
A linda rosa do seu labio amado.

Rio, 11 de Agosto de 1899.





## POR TUA AUSENCIA

... Tudo que vês si eu te não vira  
Mais tristeza que a noite me causára.

BOCAGE.—*Rimas*, 1º t., Son. XLVII.

Quanto esplendor, quanta belleza ardente,  
Nesta de luzes festa rutilante !  
A musica dos risos neste instante  
E' imagem da delicia que se sente.

Todos folgam sorrindo alegremente,  
Tudo gosa da festa inebriante :  
E' escritorio de prazer cada semblante,  
E ha tremulos de goso em toda a gente.

Mas todo esse rumor, toda essa festa,  
Não diverte a minh'alma triste e mesta,  
Que ás garras do pezar se sente presa.

E' que eu não vejo o teu semblante amado.  
E, no maior prazer, sem ti ao lado,  
A alegria parece-me tristeza.

Rio, 17 de Agosto de 1899.





## LENDO « WERTHER »

...l'idée que les yeux de Lolotte  
s'étaient reposés sur son visage...  
J'étais si heureux d'être avec lui!

GOETHE. — *Werther*, lettre XXI.

Era triste por vêr-te tão distante,  
E a tua longa ausencia me pungia ;  
Eu que te vêr quizera todo o dia,  
E si possível fosse a todo instante.

Mas agora a tristeza lancinante  
Me fere muito menos que feria ;  
Como um conforto ás horas de agonia,  
Raio de luz brilhou no meu semblante.

Alguem que te falou, que a voz te ouviu,  
Commigo esteve, pronunciou teu nome ;  
Tua doce palestra repetio.

Então julguei ouvir-te e vêr-te perto,  
E o coração, que o mal de amor consome,  
Sentio-se menos só no seu deserto.

Rio, 17 de Agosto de 1899.





## ANTITHESE

Como explicar a magica alegria,  
O prazer que nas festas tu sentiste,  
Quando alguem que te estima lá não viste,  
Alguem que sem te vêr muito soffria ? !

E a saudade que tens daquelle dia  
Em que nas salas nobres te exhibiste,  
Volvendo um teu olhar, que não foi triste,  
Olhar que todos viam e eu não via ? !

Como divergem tuas acções das minhas !  
Nas festas, sem te vêr, eu não gosava,  
E tu, sem mim, nas festas te entretinhas.

Mas explico a fatal desharmonia :  
Teu amor é menor do que eu pensava,  
E o meu inda maior do que eu dizia.

Rio, 21 de Agosto de 1899.





## REVELAÇÕES

Um instante não passa, um só momento  
Em que de ti não me recorde, santa!  
Tu és o meu constante pensamento,  
A esperança que a minha vida encanta.

Si o pezar a minh'alma não quebranta,  
Si não morro de magua e desalento,  
E' que pensando em ti ventura tanta  
Gozo, que julgo um bem o meu tormento.

Mas soffro muito quando sinto e penso  
Que todo o amor que te consagro immenso,  
Talvez seja por ti abandonado.

Uma palavra tua, ás vezes, basta  
Para gerar-me a duvida nefasta,  
De quem ama e não sabe si é amado.

Rio, 4 de Setembro de 1899.





## ETERNA ANGUSTIA

Sempre a desgraça, sempre a desventura  
A perseguir-me a vida angustiada;  
Acho a noite na luz de uma alvorada,  
E o bem que tenho é mal que me tortura.

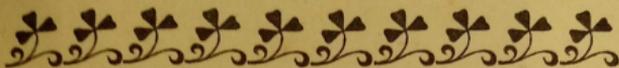
Dantes minh'alma em ancias de ternura  
Pedia amor á sorte desolada,  
E agora que ama e que é também amada,  
Leva a mesma existencia de amargura.

Como explicar a antithese funesta  
De achar o mal no bem que tanto almejo  
E ter sempre a alma dolorosa e mesta ? !

E' que o Amor, uma vez correspondido,  
Si não se satisfaz, si é só desejo,  
Fôra melhor jamais ter existido.

Rio, 17 de Setembro de 1899.





## CONSTANCIA E AMOR

La constance est la chimère de l'amour.

VAUVENARGUES.—*Réflexions et maximes.*

Um grande moralista disse um dia  
Que no amor a constancia é uma chimera ;  
E, dizendo-o, não sei si elle o dizia  
Convencido das provas que tivera .

No emtanto, numa noite em que te ouvia  
Falando nessa doce primavera  
Do teu amor, que eu tremulo pedia  
No convulso tremor de quem espera ,

Me disseste, sorrindo meigamente :  
«Meu coração a teu amor sujeito  
Com outro amor jámais será contente.»

Phrase adoravel, mas que não acceito,  
Pois tua bocca pura ás vezes mente,  
E diz teu labio o que não sente o peito.

Rio, Setembro de 1899.





## GOSAR A MOCIDADE...

Gosar a mocidade é desfructal-a  
Nessas dansas de ephemerous festejos;  
Perder as noites nos saráus de gala,  
Ao som de ternos, dulcidos harpejos ;

Brilhar esplendida em radiante sala,  
Alvo de olhares mil, de mil desejos,  
Ouvindo a voz fingida que lhe fala  
Hypocrita galan com seus cortejos .

Para amar não se guarda a mocidade;  
Basta sómente uma alma já cansada  
Dos prazeres, das festas dessa idade.

Suprema affronta ao amor que nos inflamma!  
Mas si pensas assim, si tal te agrada,  
E' que teu futil coração não ama.

Rio, 29 de Setembro de 1899.





## ALMA DUPLA

... mas onde ha grande amor lavra o ciume.

*Cartas de uma religiosa portugueza — Carta v.*

Meu coração dois corações encerra,  
Minh'alma em duas almas se reparte ;  
Uma — alegre, ridente, em toda a parte  
Faz com que eu seja o mais feliz da Terra ;

Outra — que vive numa dura guerra  
Com a mais feliz, com a mais risonha parte,  
Me faz soffrer, e não ha dôr que a farte  
E acabe de uma vez com o Mal que aterra.

Numa, encontro doçuras ineffaveis,  
Que tornam invejavel minha sorte ;  
Noutra, dôres e maguas incuraveis.

Minh'alma numa só não se resume,  
Porque no seio della ha vida e morte :  
*«O céo do Amor e o inferno do Ciume.»*

Rio, 7 de Outubro de 1899.





## NUM LEQUE

Como a arvore do sandalo cortada,  
Perfuma o proprio ferro que a cortou,  
A minh'alma, por ti assassinada,  
Inda bem diz o algoz que a assassinou.

Rio, 12 de Outubro de 1899.





## O ORACULO DE MINERVA

Ao templo de Minerva, certo dia,  
Foi um mancebo, pela Dôr levado,  
Consultar um oraculo sagrado  
Da deusa eterna da Sabedoria.

Era elle uma alma triste e lacrimosa.  
Na sua fronte pallida e sombria  
Desenhavam-se as rugas d'agonia  
De uma longa existencia dolorosa.

Tão joven e tão cedo torturado  
Pela Desgraça, a Dôr, o Desengano...  
Como si todo o soffrimento humano  
Se fundisse em tal ser desventurado.

Era da sorte uma ironia dura  
A mocidade dessa infeliz alma ;  
Os ardores do moço a dôr acalma,  
E elle velho parece na tortura .

Como um demente que desperta dó,  
Passa na vida solitario e triste.  
Uma unica ventura não lhe assiste,  
Nem um consolo ao seu viver tão só.

No emtanto uma esperança inda o acalenta :  
A filha do grão Zeus, que o raio manda,  
Talvez lhe troque a vida miseranda  
Por existencia esplendida e opulenta .

Será feliz um dia. O soffrimento  
Não mais lhe pezará n'alma dorida .  
Renascera para uma nova vida,  
Sem maguas, sem pezar, sem desalento .

E assim, pela esperança acalentado,  
O moço, a quem a Dôr envelhecera,  
Num instante voltou á primavera  
Dos sonhos bons que havia antes sonhado.

Transpondo o umbral do grande templo augusto,  
Onde a Pallas olympica assistia,  
Orou á deusa, que no altar sorria,  
Orou com fé, sem duvidas nem susto.

Cansado de soffrer, elle pedia  
Allivio ás suas maguas tão amargas,  
Que n'alma lhe moravam como cargas  
De castigos que a sorte lhe infligia.

Toda a miseria humana padecera  
Em tão bem curtos annos de existencia;  
Da taça do pezar a ultima essencia  
Elle exgotara. E a Dôr nunca cedera!

Depois de tão asperrima desgraça,  
Achar o coração um doce abrigo,  
Que o liberte do Mal, desse castigo  
Cruel, perenne, em que a existencia passa,

Eis tudo o que elle, credulo, esperava  
Da suprema bondade de Minerva;  
E com fervor orando se conserva,  
Emquanto Athene placida escutava.

Depois de ouvil-o, a deusa austera e calma,  
Fixando o olhar no olhar do desgraçado,  
Disse: «Soffrer é o teu eterno fado.  
« Buscas debalde allivios á tua alma.

« Só para a Dôr nasceste. Está escripto  
« No livro dos oraculos do templo  
« Que servirás no mundo para exemplo  
« De quanto póde um homem ser maldito.

« Volta á Tristeza, á Dôr donde vieste,  
« Pensando asylo achar nos meus altares.  
« Sejam tantos os males que passares  
« Que soffrer mais nenhum emfim te reste. »

E o mancebo voltou ao mal antigo,  
Mil vezes mais cruel que dantes era ;  
Voltou, morta a sua ultima chimera  
Dentro do coração feito jazigo .

Tal como o pobre moço desgraçado,  
Eu tambem pela vida caminhava,  
Buscando allivios á minh'alma escrava  
De um triste, negro e miserando fado,

Até que um dia acode-me á lembrança  
Ir enconral-os na mansão querida,  
A's vezes entre as maguas presentida  
Como suave e dulcida esperança.

Fui. Era um templo grande, era um colosso  
De Arte, onde Amor celebra noite e dia  
Os sonhos da mais bella fantasia,  
Os ideaes do coração do moço.

Entrei. Pedi ventura ao Deus-Eterno,  
Mas como esse mancebo desgraçado,  
Do templo de Minerva rejeitado,  
Buscou em vão consolo ao seu inferno,

Minh'alma que a Paixão tanto exaltára,  
Do seu templo voltou desilludida,  
E arrasta, numa vida não vivida,  
O cadaver do amor com que sonhára.

Rio, 20 de Outubro de 1899.





## ROSAS DE AMOR

Era em Abril. Desabrochavam flores  
Nas campinas, aromas exhalando,  
E em nossos corações, com mais odores,  
Iam rosas de Amor desabrochando.

Chega Maio, o formoso mez das flores,  
E o nosso amor, mais vivo se tornando,  
Avulta, cresce, accende mais ardores,  
E rubro como as rosas vai ficando.

Decorrem-se alguns mezes. Vem Outubro.  
Perdem as rosas o vermelho rubro,  
E rolam todas no poeirento chão.

E o nosso amor tambem desfallecendo,  
Como as rosas aos poucos vai morrendo  
No jardim sepulchral do coração.

Rio, 25 de Outubro de 1899.





## MAGNUM DOLOREM

Esse teu labio puro, immaculado,  
Que tantas vezes murmurou commigo  
Phrases de amor que adoro e que bemdigo,  
Inda lembrando os sonhos do passado ;

Esse teu rubro labio perfumado  
Onde o aroma das rosas tem abrigo,  
E um nectar tão suave traz comsigo  
Que vem sugal-o os colibris do prado ;

Esse altar ideal dos meus desejos,  
Onde eu sonhava commungar um dia  
A hostia sacratissima dos beijos ;

Esse teu labio (como é grande a dôr ! )  
Não mais me diz as phrases que dizia,  
Ai ! não me fala mais do nosso amor !

Rio, Novembro de 1899.





## HOROSCOPOS

Fata volentem ducunt

SENECA.

Formosa, o teu futuro, a Sorte augura,  
E' como a noite umbrosa da procella,  
Onde jámais reluz nenhuma estrella  
Mas reina só a tetrica negrura.

E o meu : um mundo de astros o constella,  
Um grande sol no meu porvir fulgura,  
Nem mesmo a sombra de uma desventura  
Virá turbar minha existencia bella.

Assim a Sorte diz ; mas eu te digo :  
Tudo será contrario, si o quizeres,  
O meu Destino trocarei contigo ;

Outro será meu norte, outro teu fado ;  
Serás a mais ditosa das mulheres  
E eu serei o mortal mais desgraçado.

Rio, Novembro de 1899.





## SONHANDO

Sonhei que estava em pleno céo, gosando  
As delicias sem par do Paraiso;  
E este céo eras tu, que eu vivo amando,  
E as delicias, o amor que em ti diviso.

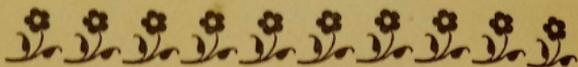
Sonhei depois com o Barathro nefando,  
Com as torrentes de enxofre e de granizo;  
O teu amor se fôra dissipando,  
E eu não mais vira a luz do teu sorriso.

Em seguida uma voz cava e sombria  
Disse-me, num tom grave e sybillino,  
Esta solemne e triste prophecia :

« E' um amor fatal que tens sonhado !  
Mas qu'importa ? ! Seguil-o é teu destino,  
Sejas embora muito desgraçado ! »

Rio, 14 de Dezembro de 1899.





## ALMA DE NERO

Tiveste um dia o mais feroz desejo :  
Bem de perto ruínas contemplares,  
Feitas por ti, sem sustos e sem pejo,  
Embora outros soffressem mil pezares.

Para alcançal-o procuraste ensejo  
Que melhor conviesse aos teus pensares ;  
E o teu querer, o teu feroz desejo  
Sucedeu afinal realisares.

Não incendiaste como Nero a Roma,  
Nem cousas mortas foste destruindo ;  
Outra vontade na tua alma assoma :

Assassinar-me o coração quizeste . . .  
Cumpriste o teu desejo, e agora rindo  
Contemplas as ruínas que fizeste.

Rio, Dezembro de 1899.





## AMOR RESUSCITADO

Porque amor una vez desengañado  
Solo vuelve a no ser lo que había sido.

CALDERON DE LA BARCA. — *Soneto.*

Não te queixes si o amor que eu tenho agora  
Não é tão forte como dantes era;  
Em vão procuro o mesmo ardor de outr'ora,  
A mesma antiga e florea primavera.

Tudo passou. Só n'alma se demora  
Lembrança de uma dôr que a dilacera,  
A dôr que tu causaste e que numa hora  
Fez morrer a minha ultima chimera.

E, ao lado á dôr que tanto me espesinha,  
Ergue-se o antigo amor ludibriado  
E ardente quer vingança á angustia minha.

Então o desespero a alma supera ;  
O coração se sente revoltado ;  
E o amor não póde ser qual dantes era .

Rio, 3 de Janeiro de 1900.





## TRINADO MAGICO

Talvez cantasse um passaro erradio,  
Eu disse, ouvindo um som que parecia  
O trillo matinal da cotovia  
Ou do canario o canto fulgidio .

No emtanto o espaço em roda era vasio,  
Nenhuma ave canora apparecia ;  
A suave, a divina melodia,  
Vinha do labio teu, que me sorrio . . .

E' que tu tens mil rouxinões no seio !  
Quando a flor do teu labio desabrocha,  
Além do aroma evola-se o gorgoeio.

Rindo, fazes do inferno um paraíso,  
Tudo dominas — coração ou rocha. . .  
E' um trinado magico o teu riso.

Río, 19 de Janeiro de 1900.





## SUBMISSO

C'est une sensualité d'amour que d'obéir. . .

MICHELET. — *L'Amour.*

Tudo farei que tu quizeres, santa !  
Basta que dos teus magicos olhares  
Um só me volvas, de caricia tanta,  
Que eu cumprirei as ordens que mandares.

Minh'alma altiva e forte se levanta  
Contra os grandes, os nobres titulares,  
Mas um teu gesto apenas a supplanta,  
E eu sou escravo á luz dos teus olhares.

Queres que eu seja um crente, sendo atheu ?  
Serei ; que faça o que jamais almejo ?  
Tua vontade farei, máo grado meu .

Determina-me tudo o que quizeres,  
Que eu sei cumprir, Amor, todo o desejo  
Da mais encantadora das mulheres .

Rio, 22 de Janeiro de 1900 .





## A VOLTA DA PRIMAVERA

Voltou a primavera. Os verdes prados  
Sorriem satisfeitos da verdura,  
E os passarinhos, na azulada altura,  
Voam cantando magicos trinados.

O sol, cheio de luz, além fulgura,  
Na pompa dos heróes victoriados ;  
E o luar, protector dos namorados,  
Doce e calmo illumina a noite escura.

A natureza toda está feliz.  
Com a volta da estação primaveril  
Minh'alma não se queixa nem maldiz.

E' porque o amor voltou com a primavera ;  
E' que tenho tambem o meu Abril ;  
Eu sou amado como dantes era .

Rio, 22 de Janeiro de 1900.





## O CÉO

Viagem ideal eu fiz um dia  
Aos páramos azues, além fulgindo :  
Toda a minh'alma sofrega partia  
Por esse firmamento vasto e lindo.

E que buscava nesse andar infindo ?  
Que aspiração de louco me impellia ?  
— Buscava o céu ! . . . o céu de que prescindo,  
Pois na terra o encontrei como queria.

E' um sonho talvez : Um paraíso,  
Illuminado ao sol do teu olhar,  
Perfumado com as rosas do teu riso.

Um bello céo que não suppõe inferno,  
Onde contigo saberei gosar  
Toda a delicia de um amor eterno !

Rio, 27 de Janeiro de 1900.





## MALGRÉ TOUT

Com a punhalada lobrega de phrases  
A todos os momentos tu me feres :  
A mais cruel de todas as mulheres,  
Certo não me faria o que me fazes.

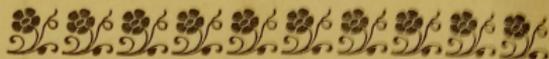
Mas que importa que esta alma dilaceres  
Com teus remoques perfidos, mordazes,  
Remoques com que sempre tu te aprazes  
Impassivel ferir-me como queres ?!

De cada vez que a lamina assassina  
Meu doloroso coração traspassa,  
Cresce inda mais o amor que me domina.

Fere-me, pois, aos poucos me apunhala ;  
Eu morrerei contente, ó flor de graça,  
Si morrer escutando a tua fala.

Rio, 12 de Fevereiro de 1900.





## VINGANÇA FRUSTRADA

Dentro de mim o orgulho me dizia :  
« Vinga-te, coração, foste humilhado !  
Faze da sua vida atra agonia,  
Do ardente amor um odio inveterado ! . . . »

E eu disse, a sós commigo, que faria ;  
« Breve, meu coração, serás vingado ! »  
E após fui vêl-a. A perfida existia  
Como si não me houvesse maltratado .

Desesperei-me então, e, furioso,  
Um pensamento lugubre diviso...  
Talvez quizesse ser um criminoso...

Mas nada faço, esqueço o que hei soffrido :  
Bastaram seu olhar e seu sorriso  
Para prostrar-me exanime, vencido.

Rio, 21 de Fevereiro de 1900.





## CARNAVALESCO

Eis-nos em pleno Carnaval, formosa !  
E' o momento das loucas fantasias,  
O instante, repassado de alegrias,  
Em que se esquece a vida angustiosa.

Ao jogo dos *confetti* pressurosa  
Corre, gosando os teus viçosos dias,  
Que, enquanto no prazer te delicias,  
Será tua existencia côr de rosa.

Mas ouve, por quem és, bella travessa !  
Escolhe para mim novo brinquedo,  
Que elle em nada com os outros se pareça .

Em logar de *confetti* me atirares,  
Peço-te, aqui, a sós, quasi em segredo :  
— Atira-me sómente os teus olhares .

Rio, 22 de Fevereiro de 1900.





## AS DUAS ESTRELLAS

Um singular phenomeno celeste,  
Não tratado nas leis de Astronomia,  
Com espanto dos sabios deu-se um dia,  
No momento feliz em que nasceste.

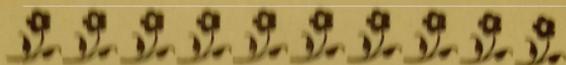
Duas estrellas, cujo brilho veste  
Um esplendor de sol que se irradiava,  
Apagaram-se. Noite, a mais sombria,  
A turquezina abobada reveste.

Todos perguntam a razão por que  
Foram do céo estrellas evadidas,  
E a causa do milagre ninguem vê.

Só os teus olhos sabem-n'ó explicar ;  
Pois as estrellas, na amplidão sumidas,  
Vieram fulgir no céo do teu olhar.

Rio, 28 de Fevereiro de 1900.





## BRINDE

Para brindar o teu aniversario  
Pedi aroma ás petalas das rosas,  
Alvura ás finas perolas formosas  
E luz aos sóes do celico velario.

Mas estrelas e perolas e rosas  
Fizeram todas este comentario :  
« Tua amada já é um relicario  
« Do que pedes com preces fervorosas.

« Perolas, sem iguaes, possui nos dentes ;  
« No labio, o olor mais puro que o da rosa ;  
« E nos olhos, dous sóes dos mais fulgentes.»

Assim os meus pedidos foram vãos,  
Nada te dou; apenas, ó formosa,  
Versos de amor deponho em tuas mãos.

Rio, 15 de Junho de 1900.





## SACRILEGIO

Um grande templo outr'ora tinha erguido  
Onde imagem santissima se via,  
Mais formosa que a Venus de Cnido,  
E mais pura que a imagem de Maria.

Enfeitavam-lhe o nicho lindas rosas,  
Que nos jardins com amor eu recolhia ;  
E o incenso augusto, em curvas graciosas,  
A' excelsa deusa rapido subia.

Os mais bellos tecidos do Oriente  
Ornavam-lhe os riquissimos altares ;  
E nos cirios do templo aurifulgente  
Rutilavam as luzes estellares.

Num culto fervoroso embevecido,  
Durante horas inteiras me esquecia ;  
Julgava até um dia não vivido  
Quando a imagem não vira nesse dia.

Mas uma vez essa ventura minha  
Foi transformada em rudes dissabores ;  
Penetraste no templo que eu mantinha,  
E findaram meus unicos amores.

Pelo chão desfolhaste sem piedade  
As rosas que florião nos altares ;  
Quebraste os incensorios por maldade  
E apagaste os divinos luminares.

A imagem que adorava destruiste  
Com a colera feroz da malfazeja;  
Todo o templo a poeira reduziste ;  
Não resta nada mais da minha igreja.

Mas a fatalidade abençoada  
Zombou de tua estolida coragem:  
Pois a imagem por ti despedaçada  
Era, Sacrilega, tua propria imagem.

Rio, 9 de Setembro de 1900.





## EXTREMA VERBA

Tu, que eras meu amor, minha tortura,  
Que me davas prazer e dissabores,  
Volveste ao nada, ao pó da sepultura,  
Deixando-me sem gosos e sem dôres.

Do mal, que me fizeram teus rigores,  
Hei de esquecer a dôr que inda perdura,  
Já que da morte os lividos pallores  
Te apagaram o sol da formosura.

Era a belleza o teu maior peccado,  
E, perdendo-a com a morte, eu te perdôo  
O mal soffrido por te haver amado.

Não mais a colera o meu odio exhorta ;  
O meu ciume, a minha dôr findou,  
Vendo-te inerte, para sempre morta.

Rio, 23 de Outubro de 1902.





## INDICE

Offerenda .....	5
Portico .....	9
Contrastes .....	11
Bem dita ausencia .....	13
Olhos celestes .....	15
Duvida .....	17
A Princeza .....	19
A concha .....	29
Sonhos .....	31
Amor ausente .....	33
Rosas .....	35
Por tua ausencia .....	37
Lendo « Werther » .....	39
Antithese .....	41
Revelações .....	43
Eterna angustia .....	45
Constancia e amor .....	47
Gosar a mocidade .....	49
Alma dupla .....	51

Num leque.....	53
O oraculo de Minerva.....	54
Rosas de amor.....	60
Magnum dolorem.....	62
Horoscopus.....	64
Sonhando.....	66
Alma de Nero.....	68
Amor resuscitado.....	70
Trinado magico.....	72
Submisso.....	74
A volta da primavera.....	76
O céo.....	78
Malgré tout.....	80
Vingança frustrada.....	82
Carnavalesco.....	84
As duas estrellas.....	86
Brinde.....	88
Sacrilegio.....	90
Extrema verba.....	93



